

190 Famílias despejadas vivem drama no Leste

Resplendor vira cenário de miséria para acusados de invasão de terra indígena Krenak

Adalcir Nunes
 REPÓRTER

RESPLENDOR - Passados 90 dias da desocupação da área Krenak em Resplendor, no Vale do Rio Doce, o problema social criado pela decisão judicial que despejou cerca de 90 famílias de produtores rurais ainda não foi solucionado. Muitas famílias estão vivendo em condições precárias, amontoadas em igreja, casa de parentes e até mesmo junto a chiqueiros de porco. Grande parte dos 900 alqueires destinados aos índios Krenak ainda não foi ocupada, permitindo a ação de saqueadores que têm aproveitado a falta de vigilância no local.

Acusados de invasores de terra indígena, os produtores rurais despejados há mais de três meses vivem uma situação caótica por terem perdido casas, currais, pastos e plantações. De

acordo com o presidente da Associação dos Produtores Despejados do Polígono Krenak, Mário Veitas Fernandes, não se tratava de invasão, mas sim de confiança no título recebido em 1974, pelas mãos do então governador de Minas, Rondon Pacheco, que acabou sendo anulado pela Justiça Federal.

"Fomos criticados e vistos como invasores, mas foi o governo quem errou ao nos dar o título de legitimação da terra, agora estamos pagando pelo erro dele", desabafou, exibindo a fotografia do momento em que Pacheco titulava as terras para os produtores rurais de Resplendor.

O secretário da Educação, João Batista dos Mares Guias, esteve há duas semanas em Resplendor para apresentar propostas sobre a questão. Uma comissão foi formada com representantes do Sindicato Rural, Emater, prefeitura municipal,

Cooperativa Agropecuária e Associação dos despejados, para levantamento das 60 famílias mais necessitadas que deverão ser assentadas nos próximos dois meses, através do Incra.

O secretário municipal de Agropecuária, Antonio José Moreira, representante da prefeitura na comissão que está fazendo o levantamento dos mais necessitados, informou que entre produtores, filhos e empregados que não têm onde morar, já foram levantadas 92 pessoas para o assentamento em terra a ser desapropriada pelo Incra.

Filho de Resplendor, Moreira relembra a história dos índios Krenak que faziam o circuito de pesca nos rios Eme e Ituêto e viviam numa aldeia em Cuparaque. Segundo ele, os últimos Krenak viveram na região nos anos 60, foram os irmãos Jacó, Teófilo e Sebastião, cujos filhos se casaram com pessoas da cidade.

FOTOS: JACK ZALCMAN



Família de João Dias vive em igreja depois de ter casa destruída após processo de retirada

Funai vai iniciar as demarcações

GOVERNADOR VALADARES - O administrador regional da Funai, Wilton Madson Andrada, garantiu que a área krenak está ocupada desde maio com cerca de 100 índios e que a depredação das propriedades foi feita pelos produtores rurais despejados. Ele disse ainda que a demarcação da terra indígena começou na semana passada.

"A demarcação já era para ter sido feita, mas o engenheiro estava terminando um trabalho com os índios Pataxós na Bahia e só agora retornou", explicou. Andrada contou ainda que a Funai entrou com ação pela retomada da área Krenak há 14 anos, por entender que era um direito legal dos índios e só dez anos depois a Justiça anulou os títulos concedidos pelo ex-governador Rondon Pacheco,

Chiqueiro vira um casebre

RESPLENDOR - O fazendeiro Admário Penedo de Oliveira, 73 anos, perdeu 54 alqueires de terra, sendo despejado com a mulher e três filhos. Sem ter onde morar, foi acolhido por um amigo que adaptou um chiqueiro com paredes e cobertura, onde está vivendo com sua família. "Penso e não entendo como um brasileiro na minha idade pode perder tudo por ordem da lei. Não sei fazer outra coisa a não ser trabalhar na roça. Tiraram minha mulher com meus filhos às 11 horas da noite como se fossem uma criação qualquer", reclamou.

A família do fazendeiro João Dias Neto, 66 anos, composta por 13 pessoas, está vivendo numa pequena igreja localizada nos poucos alqueires que lhe restou, depois que perdeu cerca de 44 alqueires onde tinham cinco casas, dois currais e plantações, que segundo ele, somam um prejuízo em torno de R\$ 200 mil. "Ficamos isolados nesse canto, perdemos a linha do leite, somos proibidos de trafegar na área, mas não temos outra saída. Só nos resta esperar as providências do governo", afirmou.

Outro revoltado com a situação é Anatalino José de Freitas, 85 anos, que perdeu 10 alqueires, onde viveu durante 59 anos plantando café, cana, mandioca e frutas, em regime de economia familiar, com três filhos que também foram despejados e estão morando

de aluguel na Vila Independência, distrito de Resplendor. "Não tenho medo de trabalhar como diarista, mas não é fácil conseguir serviço aos 85 anos de idade. Espero em Deus poder trabalhar em uma terra minha e sem ameaças" declarou.

PERDAS E DANOS

O produtor Adão Corrêa de Faria, 58 anos, possuía 10 alqueires de terra e perdeu a metade correspondente à parte baixa onde passa o rio Eme, ficando com cinco alqueires de puro morro. "Por 20 anos trabalhei e produzi nesta terra, perdi lavoura, luz, capineira, canavial, duas casas, um curral e uma tulha, e o pior é que fiquei sem água", verificou. O produtor está morando na Vila Independência com a mulher e 11 filhos.

Ao ser informado das condições de moradia dos produtores rurais despejados, o diretor da Funai Madson Andrada afirmou que na época da desocupação os índios liberaram uma fazenda para alojamento das famílias que perderam tudo e que teriam de esperar seis meses pelo assentamento do Incra. "Eles não aceitaram a fazenda por orgulho e agora estão nessa situação difícil", disse. A Funai tem projetos para ocupação racional dos índios na área Krenak, em parceria com a Emater.